



ALDÍLIO SARMENTO XAVIER, MILITAR POR VOCAÇÃO E AMOR

Virgílio da Veiga

No dia 5 de julho de 1985, faleceu o Coronel Aldílio Sarmento Xavier, Diretor da Biblioteca do Exército e Diretor-Secretário de "A Defesa Nacional".

Em "O Globo", dois dias após, notícia de curto espaço.

"Falecimentos . . . Aldílio Sarmento Xavier, 55, de enfarte agudo do miocárdio; capixaba, militar, viúvo de Madalena Souza de Seixas Xavier; morava na Avenida Mendes de Moraes, São Conrado".

Pouco compromissada com a precisão dos dados registrados, era necrológico de homem comum, que ele sempre se julgou ser, mas que não foi.

Fomos contemporâneos no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Não posso dizer que tenhamos sido amigos de infância. Naquela fase da vida, a diferença de três ou

quatro riscos nas divisas dos uniformes de aluno representavam um espaçamento sensível de interesses e afinidades. Mas a vivência comum de um mesmo contexto, aos pés do Morro da Babilônia e à sombra das palmeiras imperiais da Casa de Tomás Coelho, seria a semente de uma amizade que germinaria adulta, muitos anos após, quando as três estrelas gemadas ornassem nossos ombros, a calvície lhe adentrasse a frente e os cabelos brancos abundassem, imperipientes, em mim.

Foi meu aluno na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Mas não foi também aí que a amizade vicejou. Reconhecemos, é bem verdade, identificados pelas fardas cáqui e as calças garrance, que ambos usávamos, tantos anos atrás. Vínhamos, porém, de caminhos que jamais se cruza-

ram ao longo da profissão. E esse é pormenor que influi, singularmente, embora sem sentido, no relacionamento aluno-instrutor do ambiente escolar, no mundo verde-oliva.

Anos mais tarde, haveria o reencontro na mesma Escola. Ele chegava, após o exercício de um comando por todos elogiado — o comando do "Onze", como ele dizia, referindo-se ao 11º Regimento de Infantaria, o Regimento Tiradentes, de São João Del Rei, herói da Tomada de Montese, durante a campanha da FEB na Itália. O relacionamento funcional, mesmo pautando-se em sadia e alegre camaradagem, não produziu amizade, no sentido que ambos entendíamos.

Esta chegou tempos depois.

Já investido na direção da Biblioteca do Exército, lembrou-se ele de um discursador que o impressionara na Sociedade Literária do Colégio Militar, ao tempo da sua adolescência, e não lhe regateou prestígio e consideração.

De contactos esparsos, passamos a um convívio quase diário, durante mais de um ano, após eu ter deixado o serviço ativo do Exército.

Em conversas, frente a frente, em sua mesa de trabalho, ou nas caronas que me oferecia em seu carro, percorrendo extravagante itinerário — indo eu para Niterói via Barra da Tijuca ou indo ele para a Barra via Niterói — falávamos de seus planos e projetos, dos seus filhos, dos seus sogros, do seu pai, de sua vivência profissional, dos encontros e desencontros

entre a realidade e seus sonhos. Contava estórias sobre o "Onze", o General Silvino — o "velho" Silvino, como ele tratava, carinhosamente, aquele de quem foi ajudante-de-ordens e tantos outros chefes que marcaram sua vida profissional em qualquer sentido.

A identidade de pensamentos, conceitos e juízos foi-se revelando e a amizade chegou, forte e autêntica, junto com a admiração e o reconhecimento de tratar-se ele de pessoa incomum, dos pontos-de-vista humano e profissional.

Eis porque, embora entendendo que o texto desta homenagem merecesse a assinatura de um nome de maior prestígio, entre aqueles de suas relações e amizade, aceitei desvanecido o convite que me fez o Coronel Sady Nunes, seu substituto interino na direção da BIBLIEX, para redigi-lo.

ALDÍLIO SARMENTO XAVIER não abraçou a carreira militar senão por vocação e amor. Tinha condições financeiras, intelectuais e culturais para fazer-se exitoso em qualquer atividade profissional a que se dedicasse. E a ela sempre soube servir leal e devotado.

Cumpriu, com consciência e destaque, todos os cursos exigidos pela profissão, recebeu todas as condecorações com que o Exército distingue, em tempo de paz, suas elites e marcou sua carreira pelo exercício das mais relevantes funções, sem abrir mão de um grau de independência que lhe permitisse manter-se fiel a si mesmo.



Num tempo em que se diplomiar em curso civil era considerado desamor à carreira das armas, bacharelou-se em Direito, buscando maior identificação com o pai, jurista renomado, de quem ele sempre falava, com tanto orgulho e carinho, ao justificar os princípios de retidão de conduta de vida que adotava. Jamais utilizou o título e conhecimentos adquiridos, a menos que solicitado e em benefício da instituição a que pertencia.

Esse grau de independência, aliado aos bens de fortuna que herdou e à família que constituiu, de elevado padrão social, criou-lhe de certa forma, no decurso da carreira, a imagem de oficial atípico, ainda que sua conduta não o distinguisse senão pela simplicidade, competência, lealdade, companheirismo e amizade.

O Coronel ALDÍLIO SARMENTO XAVIER assumiu o cargo de Diretor da Biblioteca do Exército

no dia 10 de dezembro de 1979. Caminhava no seu sexto ano à testa do órgão de divulgação cultural do Exército, quando a morte o colheu traiçoeira e impiedosa.

Tão longa permanência em função de comando, de normal limitada a dois anos, fazia sentido. De um lado, o reconhecimento dos chefes pelo trabalho primoroso que ele vinha realizando. De outro, sua paixão e seu entusiasmo pelo que fazia, sua visão ampla do problema cultural do Exército e sua abdicação ao exercício de outros cargos, convencionalmente de expressão maior para a ascensão hierárquica.

Ex-diretor de "A Aspiração", revista oficial da Sociedade Literária do Colégio Militar, ex-instrutor da Seção de Ensino de Cultura Geral e Extensão Profissional da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ex-subdiretor de Ensino do Centro de Estudos de Pessoal do Exército, ex-diretor do Departamento Cultural do Clube Militar e diretor de sua revista e membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, só não se realizou plenamente no exercício do cargo que ocupava pelas dimensões restritas do apoio recebido, em área de baixa prioridade do Exército, em termos de alocação de recursos humanos, materiais e financeiros.

Nem por isso, porém, produziu obra de homem comum. A imaginação, o entusiasmo, o dinamismo, o tino administrativo, o relacionamento fácil e a capacidade

de arregimentar colaboração permitiram-lhe ir muito além.

A BIBLIEX-Editora ganhou vida nova em sua administração. Por proposta sua o Conselho Editorial completou, de forma definitiva, a integração da cultura militar, ao incorporar, entre seus membros, representantes da Marinha e da Força Aérea. Obras de origem estrangeira de interesse da cultura militar passaram a figurar entre os livros editados por doação conseguida de direitos autorais ou pelo patrocínio de empresas estatais ou privadas. Obras da literatura universal e obras que atendessem, também, ao interesse familiar dos associados da BIBLIEX, passaram a compor, em dosagem apropriada, o Programa Editorial, suavizando a aridez dos temas militares, estimulando o hábito da leitura e a ampliação do quadro social.

Assumindo a responsabilidade de editar "A Defesa Nacional" e a "Revista do Exército" — encargos antes atribuídos à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército — e de uma nova revista, a "Revista Militar de Ciência e Tecnologia", passou a administrá-las com espírito empresarial. Angariando fundos publicitários, conseguiu garantir que a programação da periodicidade imposta, antes dependente de recursos colhidos das assinaturas, de comum escassos, se fizesse livre de atropelos.

Percebendo que a extinção da antiga Seção de Geografia e História, do Estado-Maior do Exército, poderia provocar o esvaziamento das preocupações desse órgão com os assuntos tratados por aquela

Seção, criou, em área de sua competência, em "A Defesa Nacional", uma "Comissão de Pesquisa Histórica Básica", que pudesse ocupar o espaço então aberto. E seus frutos não tardaram a vingar.

Entendendo a importância da preservação da memória da Força Expedicionária Brasileira e a necessidade de colher o testemunho vivo dos seus remanescentes com número cada vez menor, foi ao encontro da Associação Nacional de Veteranos da FEB. E, da mútua cooperação, produziu-se, em livros, artigos e no chamado "Projeto Montese", cuja coordenação me atribuiu, material de pesquisa histórica básica valioso   disposição dos historiadores do futuro. Corrigia, assim, reconhecida injustiça a que estava submetido o evento mais importante da história contemporânea do Exército Brasileiro, livre agora da influência das paixões que o sucederam.

 s preocupações com a memória da FEB, juntou ele a dos chefes que exerceram influência importante na evolução do Exército do nosso tempo. E criou o chamado "Projeto Centenário de Chefes Militares", destinado a reverenciar suas obras, por intermédio de livros biográficos, editados ao ensino da efeméride centenária.

Não restringiu sua aça o, porém,   cultura bibliográfica. Com o chamado "Projeto Iconográfico", começ o a reproduzir, em tela, a imagem dos pr ncipais acontecimentos da nossa Força Terrestre no século atual. Trabalho da maior seriedade, produzido por pintores

de renome e acompanhado de pesquisa honesta e cuidadosa, tinha a preocupação de espelhar o fato com toda a sua grandeza e fidelidade. Concedia, desta forma, ao Exército da República, as mesmas condições de imortalidade visual que foi dada ao Exército do Império.

L cido, criterioso, obstinado e vivendo seu tempo, promoveu ele a modernização da BIBLIEX bem além do permitido pelos recursos com que contou. Por intermédio do "Projeto CALCO", em convênio com a Fundação Getúlio Vargas, do "Projeto Thesaurus" e do "Projeto Aquisição Planificada", vinha realizando a integração da Biblioteca do Exército ao mundo das informações culturais, amplo e dinâmico, ajustado   era da informática. E, com o "Projeto Microfilmagem", planejava a preservação, de forma definitiva, do valioso acervo bibliográfico que lhe cabia cuidar.

A morte o levou preocupado com algumas definições. A de uma política cultural para o Exército era uma delas. No seu entender, a BIBLIEX devia ser a executora dessa política. Constringia-o a liberdade de aça o de que desfrutava, embora sempre a tivesse usado com discernimento e ponderação. Outra era a de uma bibliografia que pudesse ser tida como imprescindível à cultura militar a ser adquirida pelo Exército para compor as bibliotecas das suas organizações. Outra, ainda, a do aproveitamento de inativos do Exército na condução das atividades culturais da Força. Percebia, fruto de

sua vivência, serem eles os mais indicados para esse mister — pelo tempo de que dispunham, pela despreocupação com plano de carreira, pela liberação que poderiam ter das rotinas administrativas, inibidoras da capacidade de criação, e pela possibilidade de durarem na ação, preservando a continuidade de programas traçados.

Morreu cedo demais, Tal como o "Projeto Livro Infante-Juvenil", com que pensava motivar as novas gerações no conhecimento da nossa História Militar, por meio de

edições "tipo revista em quadrinhos", quantos planos e idéias levou consigo? A produção de filmes, "vídeo-tapes", áudio-visuais divulgando as obras bibliográficas mais significativas da literatura militar. . . Quanta coisa ficou para ser um dia repensada?

Morreu cedo demais. Para sua mãe, para seus filhos e seus amigos. Para o Exército, não sei. Seria transferido, compulsoriamente, para a Reserva no corrente ano, sem queixas nem mágoas, mas com a incompreensão de todos que o conheceram.



O Cel Eng R/1 Virgílio da Veiga, promovido ao posto atual por merecimento em 30.04.75, tem os seguintes cursos militares: Engenharia, da Academia Militar das Agulhas Negras; Instrutor de Educação Física, da Escola de Educação Física do Exército; Técnica de Ensino, do Centro de Estudos de Pessoal; Operacionalização dos Objetos Educacionais, do CEP; Ensino Programado, do CEP; Engenharia, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército; Comando e Estado-Maior, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Comando e Estado-Maior, da Escola de Comando e Estado-Maior dos EUA (Fort Leavenworth); Superior de Guerra, da Escola Superior de Guerra. Entre suas comissões mais recentes destacam-se: Instrutor da ECEME, Chefe do Estado-Maior do 2º Grupamento de Engenharia de Construção; Comandante do 3º Batalhão de Engenharia de Combate; e Participante da 8ª Conferência dos Exércitos Americanos.